

ARTURO PÉREZ-REVERTE

A SOMBRA DA ÁGUIA

Tradução de Helena Pitta



PORTO EDITORA

I O flanco direito

Estava ali, de pé sobre a colina, e ao fundo ardia Sbondonovo. Estava ali, pequeno e cinzento com o seu capote de caçadores da Guarda, rodeado de plumas e galões, chefões e ajudantes-de-campo, amaldiçoando entre dentes com o óculo incrustado sob uma sobranceira, porque o fumo não o deixava ver o que estava a acontecer no flanco direito. Estava ali tal como nas estampas coloridas, tranquilo e frio como a mãe que o pariu, dando ordens sem se voltar, em voz baixa, com o chapéu enfiado, enquanto marechais, secretários, ordenanças e mensageiros se inclinavam respeitosamente à sua volta. Sim, Sire. Com efeito, Sire. Era o que faltava, Sire. E, apressadamente, anotavam decisões em folhas de papel, e batedores a cavalo com uniformes de hussardo cerravam os dentes sob o francalete da barretina de pêlo e benziavam-se mentalmente antes de cravarem esporas e saírem disparados ladeira abaixo entre o fumo e os tiros de canhão, levando as ordens, aqueles que chegavam vivos, aos regimentos de primeira linha. Metade das vezes os despachos tinham sido garatujados

com tanta pressa que ninguém entendia uma palavra e as ordens eram executadas ao contrário. Assim corriam as coisas naquela manhã. Mas ele não se alterava: continuava imóvel no topo da sua colina como quem está no topo do mundo. Ele lá em cima e nós cá em baixo vendo-as chegar de todas as cores e tamanhos. *Le Petit Caporal*, o Pequeno Cabo, chamavam-lhe os veteranos da sua Velha Guarda. Nós chamávamo-lo de outra maneira. O Anão Maldito, por exemplo. Ou *Le Petit Cabrão*.

Passou o óculo ao marechal Lafleur, sempre sorridente e untuoso, colado a ele como a sua sombra, que tanto lhe entregava um mapa como a caixa de rapé ou lhe metia sem pejo fulanas de luxo nos bivaques, e blasfemou em curso qualquer coisa do tipo sapristi de la puttana di Dio, ou talvez tenha sido lasagna di la merda di Milano; com o estrondo dos tiros de canhão era impossível captar-lhe o sentido.

– Alguém pode dizer-me – voltara-se para os seus ajudantes-de-campo, pálido e rechonchudo, e fulminava-os com aqueles olhos que pareciam carvões em brasa quando tinha qualquer coisa atravessada na garganta – que diacho está a acontecer no flanco direito?

Os marechais faziam de conta ou aparentavam estar muito ocupados a olhar para os mapas. Outros, os mais prudentes, levavam a mão à orelha como se o barulho dos canhões não lhes tivesse deixado ouvir a pergunta. Finalmente avançou, a cavalo, um coronel dos caçadores, jovem e de grandes patilhas, que tinha estado lá em baixo: ida e volta e olhos arregalados, sem a barretina de pala e

com o uniforme verde numa lástima, mas num estado de saúde razoável. De vez em quando dava pancadinhas na cara tisonada de fumo por ainda lhe custar a acreditar que continuava vivo.

– A progressão parece estar entorpecida, Sire.

Aquilo era um eufemismo descarado. Era o mesmo que dizer, suponhamos: «Luís XVI cortou-se ao fazer a barba, Sire». Ou: «O príncipe Fernando de Espanha é um homem de honestidade discutível, Sire». A progressão, como toda a gente sabia numa altura daquelas, parecia estar entorpecida porque a artilharia russa tinha esmagado conscienciosamente dois regimentos de infantaria de linha logo pela manhã, apenas um pouco antes de a cavalaria cossaca retalhar, literalmente, um esquadrão do Terceiro de Hussardos e outro de lanceiros polacos. Sbodonovo ficava a menos de uma légua, mas bem podia ficar no fim do mundo. O flanco direito estava em frangalhos e depois de aguentar quatro horas de tiros de canhão batia em retirada entre os restolhos fumegantes dos milheirais arrasados pela artilharia. Não se pode ganhar sempre, tinha dito o general Le Cimbél, que dirigia a divisão, cinco segundos antes de uma granada russa lhe arrancar a cabeça, pobre e bravo imbecil, chamando-nos durante toda a manhã rapazes e valentes filhos de França, *tenez les gars*, ânimo e a eles, a glória e tudo isso. Agora Le Cimbél tinha o corpo tão cheio de glória como os outros dois mil infelizes tombados um pouco por aqui e por ali diante das casinhas brancas destruídas de Sbodonovo, enquanto os cossacos encorajados pela *vodka* lhes revistavam os bolsos,

acabando a golpes de sabre com os que ainda se mexiam. A progressão entorpecida. Vá apalpar outro, meu coronel.

– E Ney? – o Ilustre estava furioso. De manhã tinha escrito a Não-sei-quem dizendo que esperava dormir em Sbodonovo nessa mesma noite e em Moscovo na sexta-feira. Agora apercebia-se de que ia demorar mais algum tempo. – O que se passa com Ney?

E havia mais essa. As tropas comandadas por Ney tinham ocupado à baioneta por três vezes, e voltado a perder numa carnificina memorável – linha e meia no boletim do Grande Exército do dia seguinte –, a granja que dominava o vau do Vorosik. Por aí se estavam a meter os esquadrões de cavalaria russos, um atrás do outro, como numa parada, todos invariavelmente rumo ao flanco direito. Que àquela hora ainda se chamava flanco direito mas que podia chamar-se Desastre Direito ou Grande Matadouro Conforme Se Vira À Direita.

Nessa altura, empurrando uma grossa linha de nuvens cor de aço que escureciam o horizonte, um vento frio e húmido começou a soprar de este, abrindo brechas na fumarada de pólvora e incêndios que cobria o vale. O Ilustre estendeu uma mão, exigindo o óculo, e esquadrinhou a paisagem com um movimento semicircular – o mesmo que fez diante da baía de Abukir quando disse aquela frase «Nelson lixou-nos bem» – enquanto os marechais se preparavam o melhor que podiam para aguentar a descasca que lhes ia cair em cima de um momento para o outro. De repente o óculo deteve-se, fixo num ponto.

O Anão afastou por instantes o olho da lente, esfregou-o, incrédulo, e voltou a olhar.

– Alguém pode dizer-me que diacho é aquilo?

E apontou para o vale com um dedo imperioso e imperial, aquele que tinha utilizado para indicar as Pirâmides aquando daquilo dos quarenta séculos ou – noutra ordem de ideias – para indicar a cama a Maria Valewska. Todos os marechais se apressaram a olhar naquela direcção e imediatamente brotou um coro de mondieus, sacrebleus e nomdedieus. Porque ali, sob o fumo e o ruído arrepiante das bombas russas, entre os cadáveres que o flanco direito tinha deixado para trás na confusão da retirada, a meio do inferno desatado diante de Sbodonovo, um solitário, patético e enternecedor batalhão com as casacas azuis da infantaria de linha francesa, avançava ordenadamente, com a águia ao vento e eriçado de baionetas, em linha recta em direcção ao inimigo.

Até o Ilustre tinha ficado sem fala. Durante alguns segundos intermináveis, manteve o olhar fixo naquele batalhão. Os seus traços pálidos tinham endurecido, marcando-lhe os músculos dos maxilares e os olhos de águia semicerraram-se, enquanto uma profunda ruga vertical lhe sulcava a testa, sob o chapéu, como uma machadada.

– Es-estão lou-loucos – disse o general Labraguette, um tipo do Estado-Maior que gaguejava sempre sob fogo e nos bordéis, porque na Campanha de Itália tinha sido apanhado por um bombardeamento austríaco numa casa de putas. – Completamente lou-loucos, Si-Sire.

O Anão manteve o olhar fixo no batalhão solitário, sem responder. Depois moveu lenta e majestosamente a augusta cabeça, a mesma – evidentemente – em que ele próprio cingira a coroa imperial naquele dia em Notre-Dame, depois de a arrancar das mãos do papa Clemente VII, um velho chocho e inútil que ignorava com quem se estava a meter. Fia-te nos corsos e não corras. Se não acreditam, que perguntem a Carlos IV, o antigo rei de Espanha. Ou a Godoy, aquele fulano grande e simpático com aspecto de animal reprodutor. O chulo da sua legítima.

– Não – acabou por dizer em voz baixa, num tom simultaneamente admirativo e reflexivo. – Não são loucos, Labraguette – o Petit meteu uma mão entre os botões do colete, sob as pregas do capote cinzento, e a sua voz estremeceu de orgulho. – São soldados, percebe?... Soldados franceses de França. Heróis obscuros, anónimos, que com as suas baionetas forjam o suporte onde eu suspendo a glória... – sorriu, enternecido, quase com os olhos húmidos. – A minha boa, velha e fiel infantaria.

Iluminada fugazmente do seu interior pelos relâmpagos das explosões, a fumarada do combate escondeu por momentos a visão do campo de batalha e todos, na colina, estremeceram de inquietação. Naquele instante, o destino do pequeno batalhão, a sua epopeia ousada e singular, a inutilidade de tão sublime sacrifício, açambarcou até o último dos pensamentos. Então o vento arrancou farrapos de fumo abrindo algumas clareiras na fumarada e todos os peitos glorificados de ouro, alamares e abotoaduras reluzentes, todos os estômagos bem alimentados

do marechalato em peso exalaram em uníssonos um suspiro de alívio. O batalhão continuava ali, firme diante das linhas russas, tão perto que pouco depois chegaria a uma distância suficiente para carregar à baioneta.

– Um belo su-suicídio – murmurou comovido o general Labraguette, engolindo dissimuladamente uma lágrima. À sua volta, os outros marechais, generais e ajudantes-de-campo concordavam gravemente, abanando a cabeça. O heroísmo alheio é sempre bestialmente comovente.

Aquelas palavras quebraram o estado de hipnose em que o Ilustre parecia mergulhado.

– Suicídio? – disse sem afastar os olhos do campo de batalha e deu uma breve gargalhada sarcástica e decidida, a mesma do 18 de Brumário, quando os seus granadeiros faziam saltar pela janela os pais da pátria espetando-lhes as baionetas no rabo. – Engana-se, Labraguette. É a honra de França – olhou à sua volta como se acordasse de um sonho e ergueu uma mão. – Alaix!

O coronel Alaix, que coordenava as missões de ligação, deu um passo em frente e tirou o chapéu. Era um indivíduo de ascendência aristocrática, pedante e imaculado, que ostentava um aparatoso bigode frisado nas extremidades.

– Sire?

– Trate de averiguar quem são esses valentes.

– Imediatamente, Sire.

Alaix montou a cavalo e galopou ladeira abaixo, enquanto todos na colina mordiam os galões de impaciência. Pouco depois estava de volta, sem fôlego, com um

buraco a meio do laço nacional tricolor que ostentava no chapéu emplumado. Saltou do cavalo antes que este parasse, empinado, entre uma nuvem de pó, imitando a pose de cavaleiro de um determinado e conhecido quadro de Gericault. Alaix tinha fama de fiteiro e de gabarola e ninguém podia com ele no Estado-Maior. Todos os marechais teriam gostado de o ver partir uma perna ao desmontar.

O Ilustre fulminava-o com o olhar, impaciente.

– E então, Alaix?

– Não vai acreditar, Sire – o coronel cuspiu pó ao falar. – Não vai acreditar.

– Acreditarei, Alaix. Desembuche.

– Não vai acreditar.

– Garanto-lhe que sim. Diga.

– É que é incrível, Sire.

– Alaix – o Ilustre dava pancadinhas impacientes na lente do óculo. – Recordo-lhe que mandei fuzilar o duque de Enghien por menos do que isto. E que com aquela merda de flanco direito deve haver uma quantidade de vagas de sargento de cozinha...

Os generais acotovelavam-se e sorriam, cúmplices. Já iam sendo horas de alguém dar uma descasca àquele idiota. Alaix suspirou fundo, mergulhou a cabeça entre as dragonas dos ombros e olhou para a ponta do sabre.

– Espanhóis, Sire.

O óculo caiu entre as botas do Ilustre. Dois marechais de França atiraram-se para o apanhar, com uma admirável mas estéril presença de espírito. O Anão estava demasiado boquiaberto para reparar no pormenor.

– Repita isso, Alaix.

Alaix tirou um lenço para limpar a testa. Caíam-lhe gotas de suor grandes como punhos.

– Espanhóis, Sire. O Batalhão 326 de Infantaria de Linha, lembra-se?... Voluntários. Aqueles tipos que se alistaram na Dinamarca.

Como que obedecendo a um sinal, todos aqueles que estavam no cimo da colina olharam de novo para o vale. Sob os remoinhos de fumo, em filas compactas entre as quais brilhavam as baionetas, fazendo caso omissa do dilúvio de fogo que erguia à sua volta colunas de terra e de metralha, marchando através do restolho dos milheirais semeados de cadáveres, o Batalhão 326 de Infantaria de Linha – ou seja, nós – prosseguia imperturbável o seu avanço lento e solitário em direcção aos canhões russos.